

O LIBERTÁRIO

Um Boletim da Associação em Prol do Pensamento Libertário - APPL - Salvador - Ba - Caixa Postal 053 - Cep 40001-970

O QUE FOI O 1º DE MAIO



A GREVE GERAL

Em outubro de 1884, a Federação de Agrupamentos do Comércio e Uniões de Trabalhadores dos Estados Unidos e do Canadá, organizada em 1880, decide, em seu quarto Congresso realizado em Chicago, levar a cabo a Greve Geral, para definitiva conquista das 8 horas, greve que, para ter êxito seguro, é marcada para o dia 1º de maio de 1886.

Depois de uma preparação de dois anos, estourou, enfim a Greve Geral, com pasmo do Governo e dos capitalistas. Só na Fábrica Mac Cormick de Chicago, que em fevereiro havia despedido 2.100 trabalhadores, unicamente por se haver negado a deixar as suas organizações, cento e dez mil trabalhadores abandonam o serviço. Falam, no comício desse dia, Parsons, Spies, Samuel Fielden, Miguel Schwab.

No dia 2, efetua-se à porta da daquela fábrica, um comício a fim de convencer duzentos trabalhadores que estavam furando a greve, de que deviam ser solidários com os seus companheiros. Falam Miguel Schwab e Adolpho Fischer. O comício foi dissolvido à força, mas não sem a resistência dos trabalhadores que, com pedras e revólveres responderam à sanha da polícia.

A 3, ao meio dia é atacada pela polícia uma manifestação de operárias.

No mesmo dia dos acontecimentos da Fábrica Mac Cormick, Spies, indignado redige o seguinte apelo:

“A guerra de classe está declarada. Alguns operários foram assassinados diante do estabelecimento de Mac Cormick. O seu sangue, brada: Vingança ! Não há mais dúvida ! As feras que nos governam tem sede de sangue dos trabalhadores! Os operários, porem, não são reses em matadouros! Ao terror branco responderão com o terror vermelho! É preferível morrer a viver na miséria ! Já que nos varrem à bala, daremos tal resposta, que os nossos patrões se hão-de lembrar por longo tempo. A situação obriga-nos a pegar em armas. Ontem, à noite, quando as mulheres choravam pelos filhos e maridos e as crianças choravam pelos pais, mortos pelas balas dos assassinos, os ricos enchiam os copos e bebiam nas luxuosas residências, em brindes aos facinoras da ordem social.

Enxugai as vossas lágrimas mulheres e meninos que chorais ! Escravos, alçai o coração ! Viva a insurreição!”

Combina-se, então, um comício de protesto para a noite do dia 4, na praça Haymarket. Decide-se, porém, não ir ninguém armado. Falam Spies e Parsons. Quando vai falar Samuel Fielden, cento e oitenta policiais surgem de todas as partes e, no momento mesmo em que vão fazer fogo contra o comício, estala um bomba entre eles, derrubando sessenta e matando o policial Degan. Carrega então a polícia novamente sobre o povo, varrendo-o e perseguindo à bala!

À meia noite, está a praça cheia de cadáveres e feridos: jovens, anciãos, mulheres e meninos!

Durante uma semana, a polícia fareja por todos os cantos, aqueles de quem a burguesia pretende vingar-se e livrar-se, supondo assim fazer parar o impulso revolucionário das massas trabalhadoras.

Enfim, são presos Spies, Fielden, Schwab, Fischer, Neebe, Luís Lingg. É preso também Guilherme Sellinger, que se vende aos capitalistas.

Organiza-se um tribunal com o fim premeditado de condenar os acusados de qualquer jeito. Otto S. Taver, reputado comerciante de Chicago e amigo íntimo de um funcionário da justiça, Ryce, assegurava que este lhe havia dito em certa ocasião, “que tudo estava preparado convenientemente, a fim que os acusados fossem irremediavelmente levados à força”.

De nada valeria ali, portanto, a defesa dos advogados. O tribunal não os podia acusar de crime algum. Não eram criminosos. Iam ser condenados porque, como anarquistas, desinteressadamente, mostravam ao proletariado, o único caminho a seguir nas suas reivindicações e na organização de uma sociedade em moldes mais humanos! O que ali se pretendia condenar era o anarquismo, como se o pudessem imolar [sacrificar] mandando assassinar os seus corajosos defensores.

(Continua na página seguinte)

“TRABALHADORES ! SOIS PEQUENOS PORQUE ESTAIS DE JOELHO.
LEVANTAI-VOS !”

O SYNDICALISTA

Se de nada naquele Tribunal podia valer a defesa dos advogados, a defesa dos acusados só valia para mostrar que os que julgavam é que eram os criminosos ou, pelo menos, vis comparsas dos seus mandantes.

O julgamento ou a farsa que se inicia a 21 de junho termina os seus trabalhos a 20 de agosto, condenando a 15 anos de prisão Oscar W Neebe, à prisão perpétua, Samuel Fielden e Miguel Schwab, e à morte Adolfo Fischer, Luis Lingg, Jorge Engel, Augusto Vicente Teodoro Spies e Alberto R. Parsons, que, não se deixando prender, apareceu em pleno tribunal, por achar do seu dever, estar ao lado de seus companheiros e subir com eles, se preciso fosse, ao cadafalso.

Lingg, certo de que ia morrer, suicidou-se um dia antes, pela manhã, com um cigarro de fulminato de mercúrio. Spies, Fischer, Engel, Parsons, cantando a Marselhesa, foram enforcados no próprio cárcere, às 11,50 do dia 11 de novembro de 1887.

REVISÃO DO PROCESSO

Cinco anos e meio haviam transcorridos quando o novo Governador, após a revisão do processo, sentiu o dever moral de declarar ante o mundo:

“Que os condenados foram vítimas de uma odiosa maquinação, preparada e desenvolvida sistematicamente com o objetivo exclusivo de levá-los ao patíbulo. Foram julgados e condenados por um tribunal ilegal e ilegalmente constituído e, a despeito das indignas maquinações do Juiz, o Tribunal não pode demonstrar, a culpa dos condenados. Tal ferocidade não tem precedente na História... Considero dever iniludível, nestas circunstancias, e pelas razões antes expostas, proceder de acordo com estas conclusões, e ordeno hoje, 25 de junho de 1893, que se ponha em liberdade incondicional: Samuel Fielden, Oscar W. Neebe e Miguel Schwab. O Governador do Estado de Illinois, João P. Altgeld”.

1º DE MAIO, DIA DE PROTESTO

A indignação causada entre os trabalhadores, em virtude de tão monstruoso crime, levou-os, no Congresso Socialista Internacional, realizado em 1888, a considerar o dia 1º de maio de cada ano, como dia de protesto. Nele ficou deliberado que, em cada 1º de maio, o trabalhador devia interromper o trabalho e manifestar toda a repulsa ao sistema capitalista, sistema que vive da mentira, da intriga, da impostura, da exploração, da humilhação, da tortura e dos assasínios praticados pelo Estados, o seu fiel e grande agente.

Paris, Barcelona, Saragoça, Roma, Buenos Aires e muitas outras cidades, corresponderam ao apelo do Congresso! Vivia apavorada a burguesia! A prontidão era rigorosa nesse dia!

Em 1890, um Congresso de socialistas partidários do Estado, realizado em Paris, decidiu proclamar o dia 1º de maio, dia de Festa do Trabalho. Irrisão! **[ZOMBARIA!]** Iam assim festejar o monstruoso crime da burguesia, contra aqueles destemidos representantes da classe trabalhadora! Foram ao encontro dos desejos da burguesia. Ela associou-se à festa, e, pouco a pouco, foi-se deturpando aquela grande data, em que, tantas vezes, se ouviu a voz consciente do trabalhador, ansioso por liberdade!

(Do folheto— Histórico 1º de Maio.)

* Copilado do jornal anarquista **AÇÃO DIRETA—ANO VIII- Nº 98** (Março e Abril de 1955), editado no Rio de Janeiro e cujo o Diretor era José Oiticica.



GANHARÁS O PÃO COM O SUOR DO TEU PRÓPRIO ROSTO !

O primeiro de Maio está intimamente ligado à luta pelo limite de oito horas de trabalho diário. Na antigüidade clássica, a base da produção era escravagista. Os conhecimentos filosóficos, artísticos e científicos da civilização grega ou as conquistas romanas tinham como suporte, o esforço e o sacrifício de uma massa de indivíduos transformados em máquinas.

O filósofo grego Platão dizia que há três tipos de ferramentas: as mudas, como o martelo, as que mugem, com os bois e as que falam — Os escravos. É evidente que em tal regime os cativos eram obrigados a labutar até o completo depauperamento. Com a degradação do Império romano no século V da nossa era, terminou o escravismo de massa.

Na idade Media européia, o grosso do trabalho realiza-se no campo e é condicionado pela luz solar e pelas estações do ano. Durante a primavera e o verão, chegam a lavrar a terra até 17 horas em uma só jornada; mas no inverno, quando os dias são mais curtos, dificilmente podem estender-se a um número maior que sete horas, isso é valido também para as fadigas dos artesão nas cidades, a existência era regulada pelo máximo de trabalho possível durante seis dias da semana, e o domingo é dedicado a práticas devotas aquele mínimo de descanso necessário, a fim de, momentaneamente, poderem recomeçar a rotina de sempre; às vezes, essa insipidez era rompida apenas por alguns festejos de caráter religioso. É claro que essa descrição do quotidiano não exemplifica a vida dos nobres que passavam o seu tempo entre caçadas e guerras.

LEIDE ROSE

FONTE: 1º de Maio : 1886-1986 — CEM ANOS DE LUTA, de José Luis Del Roio; livro organizado pelo Centro de Memória Sindical e editado pela GLOBAL/ OBORÉ

UMA CRÍTICA A ESTRUTURA SINDICAL BRASILEIRA

Com o decreto lei nº 19.770 de 1932 nasceram as bases do padrão corporativo de organização sindical, subordinando o sindicato ao Estado, que lhe deu o monopólio da representação profissional. A idéia básica do "novo" sindicato, criado pelo decreto era a colaboração de classes, que teve como objetivo inequívoco, mas não confessado, a desmobilização das lutas operárias (em SP, Rio, Porto Alegre, Recife, Salvador, etc), que teve seu clímax entre 1917 e 1922. Nesta estrutura - corporativa - o sindicato é criado para uma sociedade vista como um corpo social, composto de vários membros, estando todos eles em perfeita harmonia entre si. Estando no topo desta estrutura o Estado, a quem todos devem completa obediência. Para a estrutura dar certo foram criados alguns dispositivos como o imposto sindical obrigatório, a unicidade sindical (apenas uma organização sindical por categoria e por base territorial), facilitando o seu controle pelo Estado. Todas as leis foram facultativas na teoria, pelo menos até 36, mas na prática conseguiram eliminar quase toda a resistência ao regime que partisse do movimento operário. Primeiro os amarelos (sindicalistas reformistas) apoiaram, os comunistas do PCB resistiram até 1933 quando deliberaram que os sindicatos ligados ao partido deveriam aceitar a oficialização dos mesmos através do Ministério do Trabalho. Os anarquistas sucumbiram quando seus sindicatos esvaziaram devido a repressão policial e a opção à legalidade feita pelos seus associados.

Mais de cinquenta anos depois os sindicatos se fortaleceram. Mas se fortaleceram no sentido imaginado por Getúlio Vargas - *"É preciso a colaboração de uns e outros no esforço espontâneo e no trabalho comum em bem da harmonia, da cooperação e do conagraçamento de todas as classes sociais"*. Hoje os sindicatos localizados, normalmente, em verdadeiras fortalezas, alguns com grandes edifícios e uma quantidade incrível de funcionários, são mais assistencialistas (médicos, creches, advogados, etc), do que representantes dos trabalhadores na luta por melhores condições de vida. *"Antigamente, a vida dos sindicatos estava no sentimento de igualdade e na evervescência das idéias. Hoje quando entro num desses grandes sindicatos, diante dos guichês que separam os operários dos funcionários e diretores, tenho a impressão de estar numa repartição pública. O corpo cresceu sem o espírito do verdadeiro sindicalismo"*, escreveu Edgar Leuenroth, no final da década de 60, militante da Confederação Operária Brasileira, no movimento operário anterior ao Golpe de Estado de 1930. Talvez por esta acomodação do sindicalismo, os sindicatos atuais tenham medo do pluralismo sindical e do fim do imposto sindical. Como uma empresa capitalista qualquer parecem temer a perda de clientela. E, por trás de tudo, o Estado (e as classes que mamam em suas tetas) temeroso do fim do corporativismo que ainda não cedeu ao atual Estado "democrático". Pois como podemos ver na atual constituição *"é livre a associação profissional ou sindical"* mas amarram o sindicalismo na mesma unicidade do Estado Novo e na representação obrigatória daquele sindicato único nas negociações coletivas, além da não extinção do imposto sindical, que permite até, que o sindicato sobreviva sem associados, com os burocratas (dirigentes sindicais) vivendo as suas custas - um presidente do sindicato

dos bancários de Catanduva dirigiu o mesmo por trinta anos -, utilizando o sindicato como trampolim para a profissão mais bem remunerada atualmente, de político.

C.B.

Baseado no Livro "A Classe Operária vai ao Sindicato"
de Leticia Bicalho Canedo - Edt. Contexto - 1988



É SÓ PRÁ CLAREAR...

a nossa memória, que comentaremos a relação Fernando Henrique Cardoso (F.H.C.) e a nossa (lá deles!) esquerda marxista.

É do conhecimento geral que o Sociólogo-presidente defendeu em livros, seminários, debates e até no Senado Federal (é tão chique pregar no deserto), a tese acadêmica de que o Capitalismo Brasileiro era anacrônico, melhor dizendo, estava defasado no tempo e no espaço em comparação aos países europeus e os Estados Unidos do Norte. E que o Socialismo, na sua vertente marxista, seria a única saída tupiniquin para a inserção do BRASIL no rool das nações socialmente ricas e civilizadas. Foi laureado, por todos os seguimentos da esquerda, como o expoente máximo da intelectualidade brasileira; isso por escrever, e ou falar, o que o povo sente na pele, ou seja a discriminação étnica (racial), as condições insalubre no trabalho, a péssima remuneração dos seus salários, etc. Em unísono, ouvia-se a cada balbuciar do emérito professor, o brado de BRAVO, BRAVÍSSIMO! E todos, sem exceção, prostravam-se diante do Iluminado F.H.C., e com um sorriso que não lhe cabia no rosto, posavam ao lado de tão ilustre figura.

O tempo passou, o "home" mudou (?) e hoje os antigos idólatras, taxam-no de TRAIADOR, o quê substancia a nossa colocação de que houve uma identidade ideológica, em tempos passados, entre o "traidor" e os traidos; e que só por agora são inimigos. Mas a mudança de "cor" de sua eminência F.H.C. — atual Presidente da República Federativa do Brasil —, em nada deveria assombrar àqueles que estão na militância político-partidária, pois é comum que todos aqueles que cheguem ao poder se corrompam, mudem de lado e, também, de idéia e ideal. Isto porque o desejo de chegar — e permanecer — num cargo de mando e usufruir de suas regalias, são a mola mestra impulsionadora das ações presentes e futuras. Portanto, a gritaria (ou choradeira, se preferirem) dos "esquerdoides" contra o "traidor" em absoluto deve comover, pois em momento algum se deveria esperar um comportamento diferente de F.H.C., ou de qualquer outro que priorize o poder, pois a solução não está nele (O PODER), e sim na sua destruição.

ass.: O BRUXO

O BRASIL E O 1º DE MAIO

Vamos aqui contar uma história. Não de um caso, de um personagem ou de uma rebelião, mas de um dia. De uma data que se repete já há quase um século, e que é ao mesmo tempo a crônica de milhões de seres humanos, de milhares de revoltas. Está ligada aos próprios anais do trabalho e a luta da humanidade por emancipação.

Simplesmente queremos citar alguns fatos do proletariado e especificar como os trabalhadores brasileiros passaram a fazer parte deste grande exército internacional de combates por esse dia de festa e de luta. De luta pelo pão, pela dignidade, pela instrução e pelo direito a felicidade.

Quando o congresso socialista de Paris de 1889 decidiu sobre a manifestação internacional do 1º de Maio, o Brasil havia deixado de ser um país escravista há apenas um ano (1888) — o último país do mundo a pôr fim à vergonha da escravatura colonial.

A industrialização brasileira se inicia muito atrasada, em relação aos pólos mais avançados do mundo, cem anos depois da Inglaterra e pelos menos cinquenta anos após os Estados Unidos. Essa industrialização dá os seus primeiros passos enquanto ainda existe o regime escravista, que corrompe, degrada, inibe e desvaloriza o trabalho livre. Os patrões das fábricas muitas vezes são donos ou ex-donos de escravos, e como tal (donos de escravos) se comportam com os trabalhadores de seus estabelecimentos.

Os ecos do movimento internacional pelas oito horas de trabalho alcançam lentamente as terras brasileiras, — terreno pedregoso, tanto pelo sistema repressivo, quanto pela debilidade da classe operária que ainda está nascendo constituída por grupos estrangeiros. Surgem os primeiros grupos de socialistas e anarquistas que encontram dificuldades para conseguir contato entre as massas trabalhadoras.

As notícias que hoje possuímos sobre os albores do 1º de Maio no Brasil são poucas e fragmentadas, podemos citar algumas delas: Enquanto havia demonstração do 1º de Maio de 1890 no mundo, era realizada uma reunião neste mesmo ano em 15 de junho para tentar formar um partido operário. Cujo um dos pontos diz: “promover a fixação das 8 horas de trabalho”; esse partido desaparece rapidamente, mas a data merece ser anotada como a primeira expressão do movimento dos trabalhadores pelas oito horas. Em 1891 circula em São Paulo o único número de um jornal, intitulado 1º de Maio.

Em 1892 em São Paulo, é editada outra folha, também única, em italiano, *1 di Maggio*

Em abril de 1894 em São Paulo uma reunião entre socialistas e anarquistas, denominada Segunda Conferência dos Socialistas Brasileiros, decidem aprovar as resoluções do Congresso de Paris de 1889, e comemorar o próximo 1º de Maio; infelizmente a polícia interrompe a reunião, e os levam presos.

Em 1906 com o crescimento do proletariado e de suas lutas abri-se a possibilidade do surgimento de uma estrutura estável de orientação e coordenação.



“A Federação Operária do Rio de Janeiro convida os sindicatos de diversos estados para uma reunião que se realiza nos dias 15 a 20, com encerramento no dia 22 de abril, esse evento fica conhecido como o primeiro Congresso Operário Brasileiros principais resultados são a criação da **Confederação Operária Brasileira — COB** e de seu periódico, **A Voz do Trabalhador**. Entre os pontos de luta, ressaltam-se a conquista das oito horas e as comemorações do 1º de Maio.” Tal combate continua a se desenvolver. Hoje quando a velha estrutura sindical chega ao fim, quando surgem as centrais sindicais, quando aparecem novos partidos ligados à luta dos trabalhadores enquanto os antigos, depois da heróica peleja, alcançam a legalidade, chegou, enfim, a hora de dar ao 1º de Maio seu verdadeiro brilho: brilho de festa dos trabalhadores pelas vitórias que obtiveram; de recordação dos combates que permitiram a longa caminhada e brilho de luta para a conquista do futuro.

LEIDE ROSE

FONTE: 1º de Maio: 1886-1986 CEM ANOS DE LUTA, de José Luís Del Roio; livro organizado pelo Centro de Memória Sindical e editado pela GLOBAL/OBORÉ

Correspondências
para:

Caixa Postal 053

Salvador - BA